

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

ALUNO: BRUNO KAUI SESPEDE ALVES
ORIENTADOR: PROF DR NASSIM CHAMEL ELIAS

Impactos da pandemia do COVID-19 na fase de alfabetização de crianças com Transtorno do
Espectro do Autismo

Trabalho de Conclusão de Curso

SÃO CARLOS
2023

Impactos da pandemia do COVID-19 na fase de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo

Resumo

A humanidade foi surpreendida no início de 2020 pela pandemia do COVID-19. a rotina da maioria da população foi quebrada e todos tiveram de se reorganizar para um novo cotidiano. A quebra da rotina e das aulas poderá causar danos em crianças em sua fase de alfabetização e principalmente em indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) que pudemos observar durante a pesquisa e ainda observaremos mais resultados no futuro. A presente pesquisa visou identificar possíveis impactos da pandemia do COVID-19 na alfabetização de crianças com TEA. A pesquisa teve caráter quantitativo, com formato de perguntas estruturadas online. Os participantes foram sete mães de meninos com TEA. Os resultados indicaram que houve impactos em diferentes áreas do desenvolvimento das crianças, principalmente na comunicação, falta de concentração e apresentaram maior irritabilidade. Conclui-se que a pandemia do COVID-19 afetou diversas áreas do cotidiano da criança com TEA, dificultando processos essenciais para a sua alfabetização e desenvolvimento.

Palavras-chave: Alfabetização, Autismo, Pandemia.

Sumário

Apresentação	4
Efeitos do distanciamento social e quebra da rotina na educação Erro! Indicador não definido.	
TEA: definições e características.....	6
Alfabetização e Letramento	8
Alfabetização da criança com TEA	9
Objetivo.....	13
Método	Erro! Indicador não definido.
Tipo de pesquisa.....	13
Participantes.....	14
Local e Instrumentos:	15
Procedimento.....	15
Análise de Dados	16
Resultados Esperados	Erro! Indicador não definido.
Questionário de informações básicas	27
Questionário de perguntas	27
Referências.....	24

Apresentação

No ano de 2020, o mundo se deparou com uma situação não habitual nos últimos séculos. A população mundial foi surpreendida com a pandemia da Covid-19, que trouxe grande calamidade a todo o sistema de sociedade como o conhecemos. A pandemia causou e ainda tem causado grandes transtornos em vários setores da vida cotidiana, como na economia mundial, sendo que vários países se encontram em estado de calamidade, e na educação. Como uma das formas de contenção e diminuição da contaminação, o isolamento social e o afastamento físico entre as pessoas podem produzir transtornos de várias naturezas, principalmente os psicológicos.

Não há muita base ou muitos eventos anteriores parecidos para comparar a essa situação. Calamidades globais comparadas a essa apenas na pandemia da gripe espanhola ou impactos na sociedade parecidos apenas em épocas de guerras mundiais, porém, ao contrário da gripe espanhola e das guerras que afetaram a todos, os mais vulneráveis, nesse caso, são os idosos, em decorrência de já possuírem algum tipo de doença pré-existente por conta da idade avançada, não podendo descartar a possibilidade de qualquer um contrair a doença.

Como recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS), os países entraram em quarentena, impondo o distanciamento social, sendo que apenas o funcionamento de estabelecimentos necessários para a manutenção e sobrevivência humanas estava permitido. Em muitos países, as escolas precisaram ser fechadas para diminuir a circulação e a aglomeração de pessoas, afetando diretamente o processo de aprendizagem em todos os níveis de educação, principalmente na fase de alfabetização, que é uma das fases mais importantes na vida acadêmica e de construção social de uma pessoa. Sem ela, a criança não vai evoluir as competências necessárias para o processo de alfabetização no tempo esperado e poderá ser desestimulada no decorrer do tempo.

É importante atentar para a defasagem que a pandemia pode gerar nessa fase, ainda mais quando se fala de pessoas com deficiências ou desenvolvimento atípico, como é o caso de pessoas com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Em geral, pessoas com TEA possuem uma rotina, à qual já estão adaptadas, e que, quando alterada bruscamente, sem receber o amparo e a ajuda necessária para se adaptar a esse novo cenário, podem gerar bastante desconforto e novos comportamentos não adequados e antissociais.

No dia 16 de março de 2020, no Brasil, foi publicado no diário oficial o decreto nº 64.864 que adotou como medida de segurança a suspensão das aulas a partir do dia 19 de março de 2020, sua homologação ocorreu no dia 18 de março de 2020. Os servidores das escolas começaram a trabalhar de forma remota, por meio do *home office*, e a presença dos funcionários só poderia acontecer mediante a requisição da Secretaria de Estado da Educação. No dia 20 de março de 2020, o governador do Estado de São Paulo anunciou antecipação das férias e recesso escolar, e ao longo do ano, em vários momentos, foi cogitado o retorno das aulas, porém, após mais de um ano, até o início do ano letivo de 2021, foi efetivada de forma bastante incipiente e nunca em sua totalidade.

Programas de auxílio aos pais podem exercer impacto positivo nessa fase, pois há vários casos de crianças que continuam evoluindo em casa, com o auxílio dos pais, porém, não podemos deixar de pensar nas famílias de baixa renda do país, que muitas vezes não tem acesso à internet e nem estabilidade financeira, quem dirá auxílio do governo ou o conhecimento necessário para a educação remota de uma criança com TEA.

Algo muito importante na fase de alfabetização e desenvolvimento, visando as pessoas com TEA, seria a implementação de rotinas, mesmo sabendo que seriam inteiramente ligadas à sua casa e a sua família. Nesses tempos adversos, criou-se a necessidade da implementação de uma rotina saudável para a criança, pois não há como mensurar quanto tempo os cuidados em relação à pandemia ainda vão durar e quais efeitos ela vai causar nas crianças com TEA.

Portanto, o apoio da família e dos profissionais que atuam com essas crianças foi e continua sendo essencial para a plena adaptação a essa fase, e não seria apenas se adaptar e estagnar, entrar em uma zona de conforto, mas sim, estimular cada vez mais a criança, para que os impactos da pandemia venham ser amenizados.

O distanciamento social vem causando vários problemas entre as pessoas durante a pandemia do Covid-19. O fechamento das escolas e universidades foi amplamente utilizado pelos governos mundiais para conter o vírus, encerrando o contato de várias pessoas e consequentemente a propagação do mesmo. Ao mesmo tempo, várias crianças, adolescentes, jovens e adultos não encontraram outra opção além de continuar os seus estudos em casa ou abandoná-los temporária ou definitivamente.

Segundo uma pesquisa recente da UNICEF (2020), muitas pessoas não continuaram os seus estudos em casa e continuam esperando a volta das aulas presenciais. O motivo pela interrupção dos estudos está grande parte ligado à falta de recursos tecnológicos. Muitas famílias ainda não possuem acesso à internet, consequentemente, os seus filhos não conseguem acompanhar as aulas, tendo em vista que ainda não foi implantado nenhum programa do governo que garanta acesso à internet para todos.

TEA: definições e características

A palavra “autismo” foi utilizada pela primeira vez pelo psiquiatra suíço Paul Eugen Bleuler em 1911, para descrever a “fuga da realidade” apresentada por alguns indivíduos.

Após décadas de redefinição do termo, segundo consta atualmente no Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais (DSM-5; Associação Americana de Psiquiatria [APA], 2014). Os indivíduos são diagnosticados com o TEA quando apresentam déficits persistentes na comunicação e na interação social em múltiplos contextos, podendo apresentar déficits na reciprocidade socioemocional, bem como nos comportamentos

comunicativos não verbais usados para interação social, e déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Os indivíduos apresentam também padrões restritos e repetitivos de comportamento geralmente atrelados a uma rotina diária. É importante lembrar que a gravidade do transtorno é baseada a partir dos prejuízos na comunicação social e em padrões restritos ou repetitivos de comportamento, sendo que os sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário.

O TEA passa a englobar transtornos antes chamados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e síndrome de Asperger (APA, 2014).

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), Lei nº 13.146 de 2015 (BRASIL, 2015), estabelece quem são as pessoas com deficiência e assegura mediante às mesmas os direitos fundamentais da pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania, bem como assegura ser obrigatório o diagnóstico e todas as intervenções necessárias para o desenvolvimento pleno da pessoa. Há também uma lei brasileira para as pessoas com TEA, a Lei nº 12.764/12, que assegura os direitos dessas pessoas seguindo as mesmas condições daquelas de pessoas com deficiência para que os seus direitos fossem considerados (BRASIL, 2012).

Os indivíduos com TEA tem muitas especificidades e, muitas vezes, acabam sendo estigmatizados por isso. É preciso entender que uma criança que apresenta comportamentos diferenciados não pode ser avaliada de forma que o seu comportamento a inferiorize, portanto, é nosso dever entender as suas limitações e ajudá-las a superar as barreiras para uma melhor socialização, adaptação e facilidade no processo de aprendizagem.

Assim como em outros transtornos do desenvolvimento, crianças com TEA possuem necessidades educacionais especiais devido às condições clínicas,

comportamentais, cognitivas, de linguagem e de adaptação social que apresentam. (KHOURY et al., 2014, p. 25).

Essa afirmação de Khoury et al. (2014) sugere a necessidade do atendimento educacional especializado (AEE) para crianças com TEA, que vai repercutir em todas as áreas da vida da criança, tendo em vista que a fase mais importante de desenvolvimento de uma pessoa é na infância. Portanto, o quanto antes a criança receber o diagnóstico e o auxílio de profissionais especializados para o seu desenvolvimento, melhor será o seu desenvolvimento e a sua adaptação em sociedade, seja ela em grande ou curta escala, curto ou longo prazo.

Alfabetização e Letramento

É muito difícil conceituar o surgimento do termo e utilização da palavra letramento, que vem originalmente do inglês *literacy*, que era atribuído a pessoas que sabiam ler e escrever e tinham práticas de leitura e escrita (SOARES, 1998). Sendo assim, segundo Soares (1998, p. 18), “o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever” refere-se ao “estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.

O processo de escrita pode ser entendido como a representação visual da linguagem oral, representando a codificação da fala, assim como cita Vygotsky (2002, p.139) sobre “o papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Ensinam-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita.”. Essa visão é muito importante, pois apresenta o processo de alfabetização que as escolas adotavam em 2002 e muitas vezes continuam adotando até hoje, sem sofrer nenhuma mudança ou adaptação para que todos os alunos em classe consigam acessar o conteúdo e aprendê-lo.

Vale ressaltar as diferenças entre letramento e alfabetização. De acordo com Soares (1998):

“um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.” (p.39 e 40)

A alfabetização da pessoa certamente é um dos grandes marcos da vida dela e serve como um quebrador de barreiras para o indivíduo. Ao ser alfabetizada, a criança começará a aprender e a repassar conhecimentos a partir da leitura e da escrita, assim, “juntamente com as suas vivências de letramento podem levar a criança a se alfabetizar de forma natural sem perder o interesse pelos textos escritos” (Morais, 2014, p.236). A criança poderá aprender dentro do contexto que lhe atrai, sem perder o foco e o interesse por ele. Mesmo sendo uma tarefa difícil e estressante para a criança, a utilização de temas que a agradam poderá ajudar nessa fase e lhe proporcionar uma boa experiência de aprendizagem.

Alfabetização da criança com TEA

A inclusão de crianças com TEA nas escolas ainda é um paradigma para muitas pessoas. Muitas vezes nota-se o despreparo na formação de professores das salas regulares ao receber um aluno da Educação Especial e, por conta desse despreparo, acaba por acontecer uma inclusão reversa em sala de aula, na qual o aluno se sentirá ainda mais deslocado e incompreendido, seja pelos professores ou até mesmo pelos colegas de sala.

Em muitos casos a alfabetização de crianças com TEA pode ser facilitada através de adaptações no currículo individual do aluno, a utilização de um bom cronograma de avaliação e da elaboração de um bom plano de ensino, capaz de atender todas as demandas que o aluno necessitar, durante não só a fase de alfabetização, mas de todo o processo de escolarização que

o aluno irá percorrer. Sempre tendo em vista o acesso e a permanência do aluno na escola regular.

Assim como apontam Gomes (2017) e Costa (2016), a formação dos professores vai influenciar diretamente nos resultados obtidos pelo aluno, tendo forte influência nas suas práticas e adequações para os alunos com TEA, que muitas vezes sofrem com os desafios do contexto escolar, principalmente na fase de alfabetização, que exigirá muito da criança na questão da comunicação verbal, não verbal e também da concentração.

A escrita é um patrimônio cultural, passado de geração em geração e que pode se modificar ao longo do tempo. É direito da criança aprender a ler e a escrever para que possa se comunicar em sociedade. Ao negar o acesso da criança a alfabetização, estaremos negando o direito dessa pessoa de socializar-se e se constituir como pessoa. Em muitas escolas não encontramos profissionais capacitados para exercer a prática necessária e, portanto, algumas crianças não terão nenhum acesso a essa cultura e a comunicação necessária para o seu pleno desenvolvimento.

O processo de alfabetização de uma criança com TEA pode ser um caminho difícil. A dificuldade pode ser causada quando tomadas atitudes incorretas, ou até mesmo se não for tomada nenhuma atitude frente as necessidades da criança. Esse processo pode ser afetado pelas dificuldades nas relações sociais, e dificuldades no processo de comunicação apresentadas por estas crianças, incluindo a comunicação verbal e não verbal, o que resultará em uma grande defasagem na fase de alfabetização. Os professores devem estar atentos aos sinais e características que os mesmos apresentam, pois assim, poderão encontrar maneiras de suprir suas necessidades pedagógicas e seguir em frente no processo de alfabetização. O importante nesse processo é entender que cada aluno tem o seu tempo e o processo de escrita pode demorar mais do que o processo de leitura. Saber que o aluno poderá demorar mais para

gravar os processos sonoros das letras ajudará na hora de elaborar um projeto de ensino individualizado ajustado para as necessidades de aprendizagem do aluno.

Todos os alunos têm o seu devido tempo para aprender. Para alguns, o desenvolvimento pode ser lento e gradativo. A participação dos pais será de suma importância nessa fase, se envolvendo diretamente nesse processo, assim como cita Grenzel (2019):

O desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento, gradativo, cabe ao professor adequar seu sistema de comunicação. A família precisa envolver-se neste processo. Cada indivíduo é único, e sobre um tempo maior para aprender, entendemos que criança autista aprende, porém exige esforço do educador e seu aprendizado será produtivo quando realizado de maneira direta, professor – aluno, podendo utilizar diferentes recursos. (p. 1)

Conforme elucida Grenzel (2019), devemos sempre lembrar que a escola necessita estar profissionalmente preparada para receber os alunos. Para que a inclusão em sala de aula ocorra, deve-se lembrar que é dever dos sistemas educacional e social disponibilizarem o acesso da criança, sempre mantendo constante contato com a família, elaborando as melhores maneiras de acessar o aluno.

Em alguns casos, os alunos precisarão passar por etapas e aprender habilidades antes de iniciar a sua fase de alfabetização.

Algumas dessas habilidades são: linguagem oral, consciência fonológica, coordenação viso motora, orientação temporal e espacial, lateralidade e esquema corporal. Por isso falamos em processo de alfabetização, uma vez que se constitui numa construção gradual, com início nos primeiros anos de vida da criança e, quando ela chega à escola, ganha uma dimensão ainda maior. (GRENZEL, 2019, p.2)

Nota-se que alguns educadores do ensino regular acabam pulando muitas fases da educação de crianças. Um olhar clínico poderá ajudar nessa fase, entendendo as dificuldades e

potencialidades de seus alunos. O educador deverá agir como mediador do processo. O trabalho deverá ser colaborativo com várias outras áreas do conhecimento, só assim, o seu aluno estará pronto para iniciar o seu processo de alfabetização.

Ainda de acordo com Grenzel (2019, p.2), “muitas crianças começam a associar letras e sons por si só, sem receber nenhum tipo de instrução”. Em outros casos, as crianças necessitarão de uma explicação explícita e que as norteie passo a passo em seu processo. Grenzel (2019) sugere várias ferramentas para a alfabetização, sendo algumas delas a metodologia multissensorial, fônica, que, frequentemente, vem obtendo sucesso em nosso campo de prática, apresentando resultados promissores em crianças com autismo. Essa abordagem ajuda muito no ensino de fonemas e as habilidades metalinguísticas, que leva a reflexão de que existe uma sequência de sons a ser respeitada para aprender a ler e escrever. Para a criança com autismo, essa orientação explícita a auxiliará no entendimento do princípio alfabético.

Logo no início da pandemia da COVID-19, alguns educadores já começavam a se preocupar com a alfabetização de seus alunos em modelo de ensino a distância ou ensino remoto. Estratégias de ensino vêm sendo estudadas e elaboradas para a facilitação do acesso da criança com TEA aos recursos utilizados anteriormente em sala de aula. Com a modalidade de ensino remoto, muitas crianças não tiveram mais acesso a recursos físicos e adaptados para melhor as atender. Pensando nisso, estão sendo elaboradas muitas estratégias de ensino *online* para melhor atender os alunos com os recursos tecnológicos disponíveis, mas nem sempre acessíveis pelas famílias e pelos estudantes.

Objetivo

Visando alguns aspectos apresentados em parágrafos anteriores, a presente pesquisa tem o objetivo de relatar o impacto da pandemia do COVID-19 na alfabetização de crianças com TEA de acordo com o relato dos pais ou responsáveis. Além disso, pretendeu-se também identificar, a partir desses relatos, as consequências que o distanciamento social e a interrupção das aulas presenciais e quebra da rotina está causando nessas crianças, bem como analisar as estratégias de ensino aplicadas às crianças na pandemia e como os pais reagiram a essa nova rotina de estudos em casa.

Método

Tipo de pesquisa

A presente pesquisa é do tipo qualitativa, visando a identificação, coleta e quantidade dos dados a serem analisados. O foco será levantar indicadores numéricos, como atitudes, opiniões e preferências dos pais ou responsáveis por crianças com TEA em idade escolar. A pesquisa foi norteada pela análise de casos e de conteúdo das respostas.

A pesquisa seguiu o cunho de metodologia qualitativa, para entender diferentes contextos e fenômenos, considerando vários aspectos, sejam eles culturais, sociais, entre outros.

Tendo em vista que a pesquisa qualitativa busca a compreensão de um determinado fenômeno a partir do contexto em que ele se manifesta, considerando aspectos históricos, políticos, econômicos, culturais e institucionais. (FILHO, 2008, p.3),

Participantes

Os participantes foram sete pais ou responsáveis adultos por crianças de até 12 anos de idade com diagnóstico de TEA. Eles responderam a uma entrevista on-line, pelas plataformas do Google, com base nas suas experiências com a criança na pandemia. Para participar, os pais ou responsáveis precisaram ter acesso a um computador ou celular e à internet e aceitar e assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A Tabela 1 apresenta os dados dos participantes e a Tabela 2 apresenta os dados das crianças sob seus cuidados.

Tabela 1. Informações sobre os participantes

Participante	Idade E Gênero	Formação	Profissão
A1	47 anos, Feminino	Ensino superior completo	Analista administrativo
A2	28 anos, Feminino	Ensino superior completo	Dona de casa
A3	36 anos, Feminino	Pós-graduação, mestrado em andamento	Contadora
A4	23 anos, Feminino	Ensino superior completo	Dona de casa
A5	32 anos, Feminino	Cursando ensino superior	Motorista de aplicativo
A6	39 anos, Masculino	Ensino superior incompleto	Pedreiro
A7	29 anos, Feminino	Superior completo	Dona de casa

Tabela 2. Informações sobre as crianças com TEA

Participante	Idade e Gênero da criança	Nível escolar da criança	Realiza acompanhamento?	Núcleo familiar
A1	6 anos, Masculino	1º ano do ensino fundamental	Sim, em uma instituição especializada	Convive com mais 3 pessoas em casa (uma delas irmã de 4 anos).
A2	6 anos, Masculino	Não informou a série escolar	Sim, em uma instituição especializada	Convive com mais 3 pessoas em casa.
A3	3 anos, Masculino	Educação infantil	Não	Convive com mais 3 pessoas em sua casa (uma delas uma irmã da mesma idade)

A4	6 anos, Masculino	1º ano do ensino fundamental	Sim, em uma instituição especializada	Convive com mais 2 pessoas em casa
A5	5 anos, Masculino	Educação infantil	Não	Não especificou
A6	7 anos, Masculino	2º ano do ensino fundamental	Não	Convive com mais 5 pessoas em casa.
A7	5 anos, Masculino	Educação infantil	Não	Convive com mais 2 pessoas em casa

Nota: Os dados do aluno A3 foram coletados pouco antes do seu quarto aniversário, logo no início da pandemia do Covid-19. Com o decorrer da pandemia o participante se adequou a faixa etária e, portanto, foi incluso aos demais participantes.

Local e Instrumentos

As entrevistas foram conduzidas de forma online, através de questionários compartilhados pelo Google Forms. As perguntas da entrevista estão apresentadas no Apêndice 1 e foram criadas especificamente para atender os objetivos e questões dessa pesquisa.

Procedimento

Primeiramente, foram elaboradas as perguntas apresentadas durante a entrevista (ver Apêndice 1). A pesquisa teve início após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (parecer 5.012.233). Após aprovação do Comitê de Ética, foi realizado um chamamento por meio de redes sociais para selecionar os participantes (pais ou responsáveis adultos de crianças diagnosticadas com TEA com até 12 anos de idade). Foi esclarecido na chamada de participantes que os/as interessados/as deveriam entrar em contato com o pesquisador por mensagem privada via e-mail ou Whatsapp para assegurar o sigilo quanto à identificação dos participantes e seus dados pessoais. Eles receberam o TCLE pela via de contato de sua preferência (como e-mail e Whatsapp). O TCLE assinado pelos pesquisadores foi encaminhado, em formato docx ou pdf, para os participantes, que deveriam incluir o nome

completo e assinalar com um “X” no campo “aceito participar da pesquisa” e devolver, via meios eletrônicos, para os pesquisadores. Foi esclarecido aos participantes que deveriam guardar uma cópia do TCLE eletrônico. Em seguida, foi marcado um horário de preferência para cada participante para a chamada de vídeo para responder à entrevista, com duração de no máximo uma hora. A entrevista foi gravada para transcrição das respostas e acessada somente pelo pesquisador responsável. As respostas foram transcritas na íntegra para posterior análise dos dados.

Análise de Dados

A análise dos dados foi feita a partir de cada resposta individual, com o objetivo de elencar os diferentes aspectos que podem surgir para cada pergunta. Foi feita também uma contabilização para verificar aspectos que apareceram mais vezes e uma análise a partir da formação ou profissão dos participantes e da série escolar de cada criança.

Resultados

Alguns dados coletados foram de participantes (A1, A2 e A4) cujos filhos frequentam uma instituição de desenvolvimento para crianças e jovens com TEA em diversas áreas interligadas ao desenvolvimento dos alunos.

No geral, muitas perguntas respondidas pelos participantes tiveram respostas semelhantes, confirmando alguns dos resultados esperados. A seguir, serão retomadas as perguntas da entrevista e os dados encontrados.

Pergunta 1 - Como está sendo a sua experiência com a educação da criança durante a pandemia?

No geral, os participantes responderam que estava sendo desafiador por conta de sua rotina de trabalho e que aprender a desenvolver atividades para ajudar no desenvolvimento de seus filhos não era fácil. Um relato presente nas respostas de A1, A2, A3 e A5 foi que seus filhos estavam mais dispersos e que a atenção dos mesmos não se mantinha mais como antes, perdendo o foco muito rapidamente para as atividades propostas.

Pergunta 2 - Você segue alguma rotina de estudos com a criança? Se sim, como é essa rotina?

Com exceção de A1 e A3, todos os participantes relataram que não conseguiram realizar uma rotina de estudos e continuar desenvolvendo as competências necessárias para a volta as aulas. Essa pergunta foi interessante, pois as duas famílias que se aplicaram em continuar uma rotina de estudos (A1 e A3) tiveram sucesso. Com a volta as aulas, os filhos de A1 e A3 estão conseguindo acompanhar o conteúdo em conjunto com suas respectivas turmas.

Pergunta 3 - A escola disponibiliza algum recurso individualizado para a criança?

Apenas A1 e A3 relatou que recebeu recursos. Os demais participantes informaram que a escola não disponibilizou nenhum recurso individualizado.

Pergunta 4 - Foi notada alguma perda nos repertórios escolares, de fala, de comunicação ou de comportamento durante esse tempo? Se sim, quais foram essas perdas?

Em todas as respostas foram relatados retrocessos na comunicação verbal, diminuição da interação social e déficit no contato visual. De acordo com os relatos, as crianças que possuem um grande núcleo familiar e convivem com outras crianças como irmãos, houve menor perda de repertório e maior facilidade no desenvolvimento da fala, mesmo que com dificuldades, se mostraram menor nesses casos.

Pergunta 5 - Você acha que falta material de apoio e suporte para a aprendizagem do seu/sua filho(a)?

A1 e A3 relataram que talvez o problema não fosse a falta de materiais de apoio, mas as dificuldades que foram encontradas para a aplicação dos mesmos, pois não conseguiam realizar as atividades sem o seu auxílio.

A2 não respondeu sobre o assunto pois não soube dizer o que seriam os recursos.

A4 respondeu apenas que 'sim'.

A5, A6 e A7 responderam que sim, porém não souberam como aplicar ou talvez não tenham tido tempo para a realização das atividades.

Pergunta 6 - Qual a maior dificuldade que você presenciou durante a pandemia em relação a aprendizagem do seu filho(a)?

A1 relatou sobre a falta de atenção do filho e, em relação as atividades que foram disponibilizadas, a mesma encontrou dificuldades em aplicá-las, pois eram 'insatisfatórias ou pouco atrativas'. A3 relatou sobre a falta de paciência da criança em realizar atividades cotidianas e ansiedade ao não conseguir esperar. Os demais participantes relataram sobre a falta de atenção dos seus filhos, dificuldade em se comunicar, diminuição de interações e manter a atenção em determinadas atividades.

Pergunta 7 - Você notou alguma mudança de comportamento em seu filho(a) durante a pandemia? Se sim, quais foram essas mudanças? Você acha que essas mudanças de comportamento estão ligadas à falta de interação social com outras crianças?

A1 relatou que seu filho ficou triste durante muitos dias, chorou e muitas vezes ela teve que consolar o seu filho, tentando explicar para ele a situação que estavam passando no momento, também relatou que o filho se apegou muito a dispositivos eletrônicos. A2 relatou

irritabilidade. A3 relatou que seu filho ainda era novo quando a pandemia começou, porém, foi nítida a mudança que ocorreu com o retorno das atividades presenciais, em suas palavras ‘Houve melhora da interação social, comunicação, contato visual, desenvoltura nas atividades e habilidades motoras.’ A4 relatou que não notou tanta diferença, pois o seu filho já tinha um comportamento mais fechado e de pouca interação. A5 e A6 notaram irritabilidade, falta de atenção e atraso na comunicação. A7 não respondeu esta pergunta.

Pergunta 8 - Qual solução você buscou para solucionar esses problemas?

A1 relatou ‘Busquei atividades na internet, App que encontrei em pesquisas com jogos e atividades de alfabetização como App Palma Brasil, App Edu Edu, App Grapho Game, App Silabando, App ler e Contar’. A2 relatou que buscou por atividades, em sua maioria de desenhos, porém, não obteve sucesso. A3 relatou que buscou a orientação e trabalho conjunto com terapeutas (psicóloga, terapeuta ocupacional e fonoaudióloga) e estudou sobre como lidar com tais situações, sempre tendo paciência e persistência. Os demais participantes não quiseram responder esta pergunta.

Pergunta 9 - Você realizou atividades de leitura e escrita com a criança? Se sim, como eram essas atividades? Você acha que a criança desenvolveu ou manteve habilidades de leitura e escrita?

Nas palavras de A1 ‘Percebi um avanço significativo dele com atividades que montei, melhorando a leitura e escrita. Com ditados de palavras, caça palavras e números, cruzadinha, montar frases, por exemplo: montei um alfabeto com as letras em diferentes formas (letra de forma, letra de mão), três alfabetos completos e cada conjunto com uma cor diferente e ia cantando as letras e as cores e ele tinha que pegar as letras com as cores correspondentes e formar a palavra. Atividade para testar a concentração, prender atenção e ensinar as diferentes

formas das letras e o alfabeto. Formar frases simples.’ O relato de A1 foi muito importante, pois podemos ver que o apoio da família e a busca por melhorar levaram a resultados significativos no desenvolvimento do aluno. A2 não desenvolveu atividades. Nas palavras de A3, ‘Foram realizadas atividades de leitura e pintura (pela idade ainda não desenvolveu a escrita). Elas eram realizadas geralmente com a participação da irmã mais velha, onde ambos interagem e participavam da atividade. Acredito que ele manteve os hábitos de leitura e pintura.’ O relato de A3 é muito importante, pois foi pontuado o desenvolvimento da coordenação motora fina, movimentos como pinça, entre outros. A4 afirmou que aplicou atividades, sem especificar quais e como eram compostas, mas a criança não desenvolveu. A5 desenvolveu algumas atividades que encontrou em aplicativos e sites, porém, afirmou que a criança, muitas vezes, não entendia e não completava as mesmas. A6 e A7 não desenvolveram nenhuma atividade.

Pergunta 10 - Na sua opinião, qual o maior desafio para realizar atividades de leitura e escrita com a criança?

A1 relatou ‘Para ele as formas exemplo: letra de FORMA e letra de mão (diferentes fontes atrapalham e confundem muito, pois a mesma acostuma e quando precisa ver as diferentes fontes acaba tendo muita dificuldade) Hoje é essa uma das maiores dificuldades dele em leitura (fica nervoso, fala que não sabe).’ A2 não soube responder, pois não realizou atividades. A3 relata novamente sobre a ansiedade e falta de atenção, em suas palavras ‘Na verdade, tenho que propor a atividade quando ele está disposto para tal, pois se tentar realizar a atividade quando ele está distraído com outra brincadeira, ele não irá participar. Além disso, a maior dificuldade é a “ansiedade” dele, de você tentar ensinar a pintar dentro do contorno do desenho ou esperar para virar a próxima página do livro e as vezes não tem tanta paciência.’ A4, A5, A6 e A7 relataram sobre a falta de interesse da criança quando eles tentavam

desenvolver alguma atividade, as mesmas não se concentravam e não tinham interesse nas atividades.

Pergunta 11 - Você pensa que o retorno às aulas presenciais nas escolas, como era antes da pandemia, poderá gerar algum desconforto ou dificuldade para a criança? Se sim, você poderia citar que tipo de desconforto ou dificuldade a criança irá enfrentar?

Essa pergunta gerou respostas muito interessantes, como a de A1 que relatou que acha que seu filho não terá nenhum desconforto ou dificuldade, pois seu filho, ao final da pandemia, já estava acompanhando os conteúdos da sala de aula.

A1 disse que ‘não, acho que interação com outras crianças o convívio ajuda no aprendizado. E mesmo com a volta tento estar atenta as atividades dadas pelas professoras. Conversando com elas em reunião, ele não teve nenhum atraso e não precisou de ajuda, conseguindo acompanhar o ritmo dos colegas em sala de aula e acredito que isso se deve ao tempo que fiquei fazendo as atividades com ele. Sempre antes de passar a atividade, via o conteúdo antes (estudava para poder dar aula para ele). Pra mim ficou claro que as crianças em ensino remoto precisam de um acompanhamento intenso de um adulto (pois muitas atividades explicadas somente por vídeo não serviam de nada’.

A3 citou que seu filho terá de passar por uma adaptação, pois será tudo novo, uma rotina completamente nova a se adequar.

É interessante o relato de A1, pois pode-se perceber que ela realmente se importou com o desenvolvimento do seu filho, buscou alternativas e soluções para os problemas que encontrou durante o caminho e, ao fim temos o relato que seu filho está acompanhando os conteúdos aplicados em sala de aula. A2 respondeu apenas que não acha que vai causar algum desconforto e será bom para a sua criança. A3 lembrou que ‘o retorno sempre gera inquietudes. O apego que ele tinha em ficar sempre comigo e por vezes não querer ficar longe (mas agora

ele já se acostumou) o “receber ordens”, saber esperar a vez dele, dividir um brinquedo, a rotina de horário, a alimentação, o convívio com outras crianças. Tudo isso são atividades que ele não estava tão habituado e que será necessário a adaptação.’. A4 afirmou que ‘Não, está sendo ótimo, ele vem progredindo muito’. O relato de A4 foi coletado logo nas primeiras semanas de volta as aulas. A5 também respondeu que ‘Não, creio que ele vai conseguir se adaptar como antes e voltar a sua rotina’. A6 respondeu apenas ‘não, será bom’. A7 respondeu que está ansioso para que seu filho volte as aulas.

Considerações finais

Com o início da pandemia, observou-se um grande medo por parte dos pais, professores e familiares envolvidos com o desenvolvimento de seus alunos, filhos e parentes. Com o fechamento das escolas, foram tomadas medidas administrativas para que os alunos começassem a ter acompanhamento remoto, porém, assim como pudemos ver através da pesquisa da UNICEF (2020), nem todos os alunos possuíam meios de acesso a esses recursos e sequer receberam ou continuaram o seu planejamento de aulas individualizadas.

Assim como consta no Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais (DSM-5; Associação Americana de Psiquiatria [APA], 2014), os indivíduos são diagnosticados com TEA ao apresentar déficits na comunicação, interação social, reciprocidade socioemocional e comportamentos não verbais que visam a interação social, bem como déficits no desenvolvimento, manter relacionamento e padrões repetitivos de comportamento geralmente interligados a uma rotina diária. Com os relatos, pudemos ver muitos desses comportamentos se tornando ainda mais presentes na vida das crianças com TEA na fase de alfabetização em decorrência da pandemia do Covid-19, acentuando todos os sinais presentes no transtorno, principalmente na comunicação ou dificuldade em interagir socialmente,

irritabilidade e concentração. Toda a forma de rotina já pré-estabelecida com os estudantes com TEA até o momento através de acompanhamento com profissionais foram quebradas, gerando principalmente desconforto e grande agitação.

Assim como elucida Grenzel (2019, p.1), “O desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento, gradativo, cabe ao professor adequar seu sistema de comunicação. A família precisa envolver-se neste processo”. Com o acesso as informações coletadas na pesquisa pudemos perceber que a participação da família é essencial para o desenvolvimento pleno do aluno. Obtivemos informações valiosas de dois extremos de familiares, sendo que algumas famílias mantiveram a constância de aulas e aplicação de recursos, buscando por estratégias e continuado os trabalhos que já estavam em andamento e outras que não conseguiram continuar o processo de desenvolvimento de seus filhos, fazendo que muitos deles regredissem não só em questão de leitura e escrita, mas também em sua comunicação verbal e não verbal, consistência em manter hábitos e entender pequenas regras sociais que são colocadas diante de si durante o dia a dia.

Sabemos que o processo de alfabetização contém inúmeras variáveis e lacunas que são preenchidas com a interação e são desenvolvidas em conjunto com outras crianças de mesma idade e fase de desenvolvimento.

Quando o assunto é o processo de alfabetização, devemos lembrar que, assim como citado por GRENZEL (2019, p.2), “falamos em processo de alfabetização, uma vez que se constitui numa construção gradual, com início nos primeiros anos de vida da criança e, quando ela chega à escola, ganha uma dimensão ainda maior”. Essa citação é interessante, pois a criança ganha um novo leque de possibilidades ao adentrar a escola e se deparar com situações que não são rotineiras em suas casas. Durante a pandemia do Covid-19, parte significativa das crianças, não só as com TEA, acabaram perdendo essa importante fase para a sua construção como pessoa.

Na mesma citação podemos ligar um dado interessante obtido nas entrevistas, que é o de que as crianças que têm irmãos de mesma faixa etária ou conviviam com outras crianças continuaram a se comunicar normalmente. Em conversa com os familiares, pudemos observar que seus filhos mantiveram a utilização da fala e tentativa de se expressar. Em contrapartida, percebemos que crianças que ficaram sozinhas e isoladas durante esse tempo, apenas com os familiares de grande diferença de idade, se fecharam mais para a comunicação e tiveram mais casos de irritabilidade, falta de concentração e praticamente cessaram o seu desenvolvimento de leitura e escrita.

Concluindo, tivemos acesso a dois extremos durante a pesquisa, sendo que algumas famílias buscaram continuar a estimulação e o desenvolvimento de suas crianças, continuando os acompanhamentos com a fono, psicopedagogo, entre outros, e famílias que não tiveram acesso a recursos e acabaram interrompendo o processo de desenvolvimento guiado de seus filhos. Ao mesmo tempo que tivemos relatos de grande melhora com a volta as aulas, os reais resultados poderão só aparecer em alguns anos, assim, responde o tema desse trabalho, quais os impactos da pandemia da covid-19 no desenvolvimento de crianças com TEA.

Referências

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. A linguagem Escrita e as crianças - Superando Mitos na Educação Infantil, São Paulo, p. 120-133, 25 abr. 2011. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/452>; Acesso em: 02/05/2021

BARBOSA, André Machado et al. OS IMPACTOS DA PANDEMIA COVID-19 NA VIDA DAS PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. **Revista da Seção Judiciária do Rio de Janeiro**, [S.l.], v. 24, n. 48, p. 91-105, jul. 2020. ISSN 2177-8337. Disponível em: acesso: 02/05/2021

BRASIL. Decreto nº 64.864, de 16 de março de 2020. Dispõe sobre a adoção de medidas adicionais, de caráter temporário e emergencial, de prevenção de contágio pelo COVID-19. Lex: Diário Oficial - Executivo, 17/03/2020, p.1, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/193318> acesso: 02/05/2021

BRASIL, 2015, **Lei n. 13.146**, de 6 de jul. de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm; acesso em: 02/05/2021

BRASIL, 2012, Lei n.12.764, de 27 de dezembro de 2012. Define a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/112764.html; acesso em: 02/05/2021

COSTA, Luciane Silva da. Escolarização de crianças com transtorno do espectro autista: concepção do educador numa perspectiva inclusiva, 2016. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/7260>; Acesso em: 02/05/2021

DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf> acesso: 02/05/2021

FILHO, J. M. D. A Pesquisa Qualitativa sob a Perspectiva da Teoria da Legitimidade: Uma Alternativa para Explicar e Predizer Políticas de Evidenciação Contábil. [s.l.] , 2008. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EPQ-B3131.pdf>.

GADIA, Carlos A.; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **ARTIGO DE REVISÃO**, *Jornal de Pediatria*, v. 80, ed. 2, p. 83-84, abril 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0021-75572004000300011&script=sci_arttext&tlng=pt acesso: 02/05/2021

GLAZIER, Jack D., POWELL, Ronald R. *Qualitative research in information management*. Englewood, CO: Libraries Unlimited, 1992.

GRENZEL, F. B. A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS. Formação, Prática e Pesquisa em Educação 3, p. 1–8, 6 set. 2019. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/552828/1/E-book-Formacao-Pratica-e-Pesquisa-em-Educacao-3.pdf>

GOMES, Ana Karla Ferreira de Santana et al. A sala de recursos multifuncionais (SRM) e os processos de escolarização de um aluno com transtorno do espectro do autismo. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/6082/1/SalaRecursosMulti_Monografia_2017; Acesso em: 02/05/2021

Impactos primários e secundários da COVID-19 em Crianças e Adolescentes. [s.l.]: , 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/9966/file/impactos-covid-criancas-adolescentes-ibope-unicef-2020.pdf>.

JOSÉ, A.; DIAS FILHO, M. A Pesquisa Qualitativa sob a Perspectiva da Teoria da Legitimidade: Uma Alternativa para Explicar e Predizer Políticas de Evidenciação Contábil. [s.l.] , [s.d.]. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EPQ-B3131.pdf>>.

KHOURY, L. P. et al. Manejo comportamental de crianças com transtornos do espectro do autismo em condição de inclusão escolar: guia de orientação a professores. São Paulo: Memnon, 2014. Disponível em: <http://portal.educacao.rs.gov.br/Portals/1/Files/3155.pdf>; Acesso em: 02/05/2021

MARIA DE ANDRADE QUEIROZ, S.; PATRÍCIA, S.; FERREIRA, A. MEDIAÇÃO DOCENTE NA ALFABETIZAÇÃO DO ALUNO COM TEA: Um olhar sobre as estratégias pedagógicas na produção de texto escrito. [s.l.] , [s.d.]. Disponível em: https://www.ufpe.br/documents/39399/2442885/QUEIROZ_FERREIRA+-+2018.2.pdf/f636d050-288c-428c-b0c3-be58432fe5b5.

MORAIS, G.; MILITÃO, A.; LIMA, S. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: AS PRÁTICAS DE LEITURA COMO RECURSO PARA A ALFABETIZAÇÃO. [s.l.] , [s.d.]. Disponível em: DE, S.; AUGUSTO, O. a linguagem Escrita e as crianças -Super ando Mitos na Educação Infantil. [s.l.] , [s.d.]. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/452/1/01d14t09.pdf>>.

SILVA, L. et al. DESENVOLVIMENTO DE SOLUÇÃO TECNOLÓGICA RELACIONADA AO ENSINO-APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS AUTISTAS. Anais da Feira de Ensino, Pesquisa e Extensão do Instituto Federal Catarinense Campus Fraiburgo - e-ISSN 2594-5572, v. 1, 2020.

SOARES, Magda, Letramento e alfabetização: as muitas facetas, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf> ; Acesso em: 02/05/2021

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: CEALE/Autêntica, 1998. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=zJ5fDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=SOARES,+Magda.+Letramento:+um+tema+em+três+gêneros.+Belo+Horizonte:+CEALE/Autêntica,+1998.&ots=yt0A2kMrp&sig=u32Q7LEBhwTZH0yiEkXn6Pc2nmY#v=onepage&q&f=false>; Acesso em: 02/05/2021

Senhoras, E. M. CORONAVÍRUS E EDUCAÇÃO: ANÁLISE DOS IMPACTOS ASSIMÉTRICOS. Boletim de Conjuntura (BOCA), vol. 2, no. 5, 14 Mai 2020, p. 128–136, revista.ufr.br/boca/article/view/Covid-19Educacao/2945, 10.5281/zenodo.3828085. Accessed 26 Apr. 2021.

VYGOTSKY, L. S. A Formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2002. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf ; Acesso em: 02/0/2021

APÊNDICE 1

Entrevista para pais ou responsáveis de crianças com TEA

Informações básicas

1. Idade do participante
2. Gênero do participante
3. Profissão do participante
4. Formação do participante (ou escolaridade máxima)
5. Grau de parentesco do participante com a criança diagnosticada com TEA
6. Idade da criança com TEA
7. Gênero da criança com TEA
8. Série escolar da criança com TEA
9. Cidade/Estado em que residem
10. Quantas pessoas vivem na mesma casa?
11. Quantas pessoas na casa estão em idade escolar?
12. Há outras pessoas com deficiências, TEA ou Altas Habilidades/Superdotação que moram na mesma residência?

Questões específicas para a pesquisa

1. Como está sendo a sua experiência com a educação da criança durante a pandemia?
2. Você segue alguma rotina de estudos com a criança? Se sim, como é essa rotina?
3. A escola disponibiliza algum recurso individualizado para a criança?
4. Foi notada alguma perda nos repertórios escolares, de fala, de comunicação ou de comportamento durante esse tempo? Se sim, quais foram essas perdas?
5. Você acha que falta material de apoio e suporte para a aprendizagem do seu/sua filho(a)?
6. Qual a maior dificuldade que você presenciou durante a pandemia em relação a aprendizagem do seu filho(a)?
7. Você notou alguma mudança de comportamento em seu filho(a) durante a pandemia? Se sim, quais foram essas mudanças? Você acha que essas mudanças de comportamento estão ligadas à falta de interação social com outras crianças?
8. Qual solução você buscou para solucionar esses problemas?

9. Você realizou atividades de leitura e escrita com a criança? Se sim, como eram essas atividades? Você acha que a criança desenvolveu ou manteve habilidades de leitura e escrita?
10. Na sua opinião, qual o maior desafio para realizar atividades de leitura e escrita com a criança?
11. Você pensa que o retorno às aulas presenciais nas escolas, como era antes da pandemia, poderá gerar algum desconforto ou dificuldade para a criança? Se sim, você poderia citar que tipo de desconforto ou dificuldade a criança irá enfrentar?